

O culpado mora ao lado

Amor e ódio entre vizinhos e muita história para contar

MARCELA VILLAS BÔAS, MARIANA BARRA E PATRÍCIA TEIXEIRA

Na maioria das vezes, tudo começa com um sonho. Duas pessoas se conhecem, se casam e se mudam para o lar tão desejado. Mas e depois? Bom, o sonho pode acabar sendo perturbado por algum fator externo. Foi o que aconteceu em um prédio no bairro da Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A jornalista Fernanda Costalonga, 33 anos, mora há 9 com o marido Eduardo Mello, 36 anos, e dois cachorros em um quarto-sala. Seria normal, se não fosse o restante do prédio. "Já aconteceram algumas coisas tão estranhas que, se contar, ninguém acredita", afirma a jornalista.

Tudo começou quando Fernanda teve o carro roubado dentro da garagem do prédio. "O porteiro abriu a porta da garagem achando que era um amigo meu que tivesse vindo pegar o carro emprestado às 2h da manhã, sendo que nenhum amigo meu fez algo parecido", conta a jornalista que hoje consegue rir dessa história. O problema piorou com as interferências que passaram a acontecer por causa dos vizinhos. É normal haver reclamações. Apesar disso, os limites não são tão bem demarcados como deveriam. Foi o que Fernanda percebeu quando sua cozinha inundou porque o vizinho de cima resolveu lavar a varanda e a água acabou entrando pela janela. "Quando percebi, minha cozinha estava completamente alagada! Dá pra acreditar?", relembra.

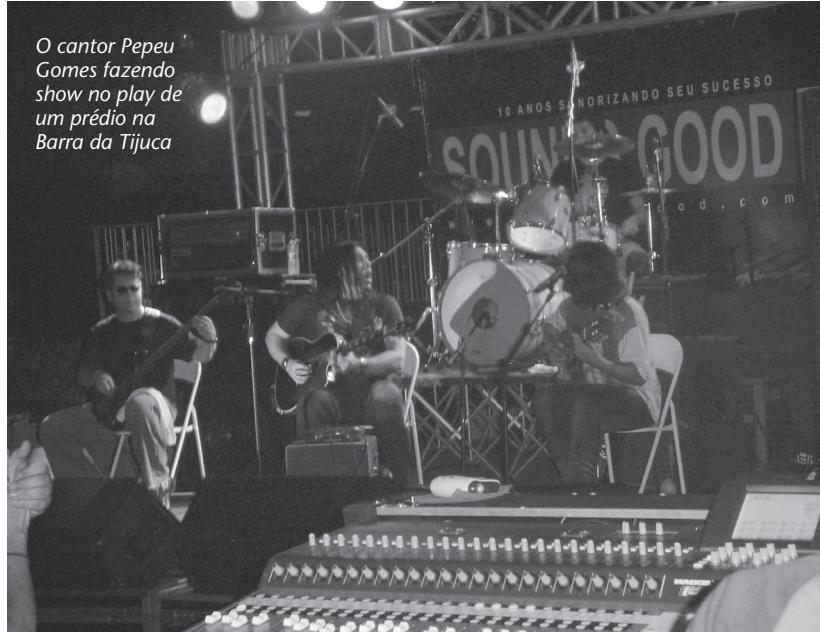
O momento mais curioso aconteceu em uma tarde de sábado, em dezembro de 2006. Ao voltar de um passeio com o marido, Fernanda se assustou com um barulho vindo do lado de fora do apartamento. Ela abriu a porta da varanda, olhou para baixo e viu um palco armado no *playground* do prédio, onde algumas pessoas pareciam estar testando os equipamentos para serem usados em algum *show*. Para confirmar, Fernanda ligou imediatamente para a portaria. "O porteiro me disse que ia ter mesmo um *show* lá no meu *play*! Liguei para o síndico reclamando do barulho e ele me disse para esperar até às 22h, porque iria desligar a luz se o barulho não acabasse". Quando o evento começou, Fernanda reconheceu a voz do

EDUARDO MELLO



Fernanda, Eduardo e os cachorros Whisky e Wendy

EDUARDO MELLO



O cantor Pepeu Gomes fazendo show no *play* de um prédio na Barra da Tijuca

“A proximidade pelo fato de sermos vizinhos ajudou muito, tanto no ato de conhecer um ao outro, quanto no desenrolar de toda a nossa história” Amanda Cirillo

cantor. Mas como da varanda não conseguia ter a certeza de quem era, pediu ao marido que descesse para descobrir. “Quando ele chegou lá embaixo com uma máquina fotográfica e me ligou confirmando que era o Pepeu Gomes, eu fiquei surpresa! O que ele estava fazendo no meu *play*? Pensei logo que ele deveria estar morrendo de fome pra fazer *show* aqui!”, diz a jornalista. Só depois ela descobriu que o show era uma homenagem de aniversário a um produtor musical que também mora no prédio. “Já estava acostumada com festinhas de aniversário e karokê, mas não com o Pepeu”, conta Fernanda.

Foram aproximadamente duas horas de *show*, com direito a bis. A apresentação do cantor acabou antes das 22h, e ela não precisou ligar para o síndico novamente. Mesmo com todos esses acontecimentos, Fernanda e seu marido não quiseram se mudar. “Acredito que todos os prédios são assim. Têm histórias que você só acredita vendo, ou vivendo”, brinca.

Amor de elevador

Rua Olegário Maciel, 145 – Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Prédio Mar de Prata, apartamentos 1409 e 1707. Amanda Cirillo, 21 anos, e Márcio Coelho, 34, eram vizinhos há mais de sete anos e tinham se visto apenas duas vezes: em um alerta de incêndio e na piscina do edifício onde moravam.

O cenário de encontro dos dois não foi nada convencional. Era uma quarta-feira. Amanda voltava de uma boate às 6h da manhã e Márcio chegava de um bar. Os primeiros olhares se cruzaram no elevador social do Mar de Prata, quando ambos buscavam apenas um banho e uma cama quente.

Nos três dias que se seguiram, o elevador continuou propiciando inusitados “esbarroes”. Até que em um deles, Márcio pediu o telefone da vizinha, que, neste momento, já chamava bastante a sua atenção.



Amanda e Márcio

“Ele me ligou no sábado para sairmos, mas eu tinha uma festa de aniversário e não fui. Depois ele não me ligou mais. Na semana seguinte, fui ao supermercado comprar um chocolate, às 22h, e parei meu carro ao lado do dele. Não acreditei, pois no estacionamento só tinham uns três carros e eu não conhecia o carro dele. No dia seguinte, ele me ligou e nós saímos. Foi engraçado, pois nos encontramos às 19h30 e voltamos para o prédio somente às 10 horas do dia seguinte”, disse Amanda.

A noite teve direito a cinema, jantar, boate e café da manhã em uma padaria da rua onde moram. Além de terem tido a oportunidade de se conhecer melhor, os dois puderam perceber que, apesar da diferença de idade, algo apaixonante e intenso estava por nascer. Um mês depois, ao som de muito *techno* e *trance*, em uma *rave* no Riocentro, o namoro foi oficializado. Queríamos casar com dois meses de namoro. No entanto, passei a morar com ele quando tínhamos seis meses de relacionamento. Não tivemos a menor dúvida de nada! Minhas amigas me acharam maluca de casar tão nova, os amigos dele nem tanto. Mas meu pai, minha mãe e minha sogra sempre deram o maior apoio e torceram pela nossa felicidade”, conta.

A história de Amanda e Márcio é um exemplo de relação entre vizinhos que deu certo e que em vez de ódio, suscitou o amor. Ao contrário das brigas corriqueiras, das fofocas, das discussões em reuniões de condomínio, dos barulhos que incomodam, o casal soube aproveitar o espaço do prédio, da rua e de todo o ambiente em comum que desfrutavam, para fazer surgir uma relação de respeito mútuo, carinho e amor.

Às vezes, uma mudança vale a pena...

A convivência com alguns vizinhos pode se tornar insuportável quando algumas regras de boa convivência não são respeitadas. Em outros casos, a pura implicância com quem mora ao lado gera um universo de conflitos e aborrecimentos, e muitas vezes o jeito mais prático para mudar o quadro é um dos dois se mudarem. Foi exatamente o que aconteceu com a estudante de jornalismo Paula Haefeli, 21 anos.

Paula morava desde a infância em uma espaçosa casa no bairro de Vila Isabel com a mãe e o irmão. Na casa ao lado, vivia um casal um pouco diferente. Sempre que brigavam, a mulher cantava ópera enlouquecidamente para irritar o próprio marido. "Eu ouvia ele gritando para ela calar a boca, ficar quieta, mas quanto mais ele pedia, ela cantava ainda mais alto", lembra Paula.

A vizinha cantora ainda possuía algumas particularidades que irritavam profundamente a mãe da estudante. Ela começou a perceber que estavam aparecendo vários ratos na sua casa, sem que ela soubesse a causa. Depois de certo tempo, descobriu-se que a tal vizinha empilhava uma grande quantidade de jornais

RICARDO BALBI



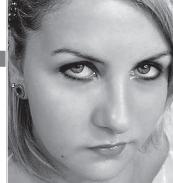
Acima e abaixo: Amanda e Márcio no casamento

e lixo em casa, o que atraía os roedores. Em outra casa vizinha, havia um morador que abandonara o seu cão e, todos os dias, o animal chorava de fome. "Eu ficava angustiada com aquele choro. Eu pegava ração e jogava da minha janela para ele. Era impressionante como o cão já se animava e comia sem parar". Para completar o cenário, atrás da casa de Paula havia uma Igreja Metodista que ensaiava hinos de louvor a Deus, todos os sábados e domingos, às 6h da manhã. "Era uma barulheira só", diz a estudante.

Cansada de ter que aturar esse tipo de vizinhança, a família de Paula resolveu se mudar para o Grajaú. "Agora eu moro em um prédio de três andares, sendo um apartamento por andar. Um está vazio, e no outro mora um dentista, amigo da família, que fica mais tempo em São Pedro da Serra do que no próprio prédio", conta Paula.



PAULA HAEFELI



"Eu ficava angustiada com aquele choro. Eu pegava ração e jogava da minha janela para ele. Era impressionante como o cão se animava e comia sem parar"

Paula Haefeli

